



**Coleção de Literatura**  
**Brasileira**

# O Guardador de Rebanhos

**Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa)**

## **I - Eu Nunca Guardei Rebanhos**

Eu nunca guardei rebanhos,  
Mas é como se os  
guardasse. Minha alma  
é como um pastor,  
Conhece o vento e o sol  
E anda pela mão das  
Estações A seguir e a  
olhar.

Toda a paz da Natureza sem  
gente Vem sentar-se a meu  
lado.

Mas eu fico triste como um pôr  
de sol Para a nossa  
imaginação,  
Quando esfria no fundo da planície  
E se sente a noite entrada  
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego  
Porque é natural e justa  
E é o que deve estar na alma  
Quando já pensa que existe  
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de  
chocalhos Para além da  
curva da estrada,  
Os meus pensamentos são contentes.  
Só tenho pena de saber que eles são  
contentes, Porque, se o não soubesse,  
Em vez de serem contentes e tristes,  
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva  
Quando o vento cresce e parece que chove  
mais.

Não tenho ambições nem  
desejos Ser poeta não é uma  
ambição minha É a minha  
maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes  
Por imaginar, ser cordeirinho  
(Ou ser o rebanho todo  
Para andar espalhado por toda a encosta A  
ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),

É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,  
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima  
da luz  
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos

Ou, passeando pelos caminhos ou pelos

atalhos,  
Escrevo versos num papel que está  
no meu pensamento, Sinto um cajado  
nas mãos  
E vejo um recorte de mim  
No cimo dum outeiro,  
Olhando para o meu rebanho e vendo  
as minhas idéias, Ou olhando para as  
minhas idéias e vendo o meu rebanho,  
E sorrindo vagamente como quem não  
compreende o que se diz  
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem, Tirando-lhes o  
chapéu largo

Quando me vêm à minha porta  
Mal a diligência levanta  
no cimo do outeiro.  
Saúdo-os e desejo-lhes  
sol,  
E chuva, quando a chuva é precisa,  
E que as suas casas tenham  
Ao pé duma janela aberta  
Uma cadeira predileta  
Onde se sentem, lendo os meus versos.  
E ao lerem os meus versos pensem Que sou  
qualquer coisa natural — Por exemplo, a  
árvore antiga  
À sombra da qual quando crianças  
Se sentavam com um baque, cansados de

brincar,  
E limpavam o suor da testa quente Com a  
manga do bibe riscado.

## **II - O Meu Olhar**

O meu olhar é nítido  
como um girassol.  
Tenho o costume de  
andar pelas estradas  
Olhando para a direita  
e para a esquerda,  
E de, vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma  
criança se, ao  
nacer,  
Reparasse que  
nascera  
deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo  
como num  
malmequer, Porque  
o vejo. Mas não  
penso nele Porque